



FLORES NAS DORES: UMA METODOLOGIA BASEADA EM MAKARENKO PARA TRANSFORMAR REALIDADES EDUCACIONAIS

Jéssica Maria da Silva Xavier¹

Rayane Bezerra Siqueira²

Marcos Feliciano Silva³

Deysiana Alves de Araújo Senhor⁴

Diego Rodrigues de Almeida⁵

RESUMO

A educação, em sua essência, é um processo coletivo. Este relato de experiência, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), tem como foco central o fortalecimento das atividades em grupo como estratégia para aprimorar o ensino-aprendizagem em escolas públicas. Inspirado nos princípios de Anton Makarenko, como o trabalho coletivo, a disciplina consciente e a construção de vínculos comunitários, a base para a produção deste relato de experiência, veio do sucesso das atividades desenvolvidas no primeiro semestre de 2025 com 2 turmas do 5º ano do Ensino Fundamental do Colégio Dom Mota, na cidade de Afogados da Ingazeira - PE, utilizando a plataforma Quizizz como recurso de gamificação educativa. Portanto este relato expande a experiência para a Escola Municipal Antônio Nogueira Barros, localizada no município de Tabira - PE, no segundo semestre de 2025, onde as atividades foram planejadas para estimular a cooperação entre os estudantes. Durante elas, os alunos foram organizados em grupos e incentivados a resolver questões em conjunto, promovendo a troca de ideias, a escuta ativa e o raciocínio coletivo. A abordagem rompeu com a lógica tradicional de ensino competitivo e individualizado, permitindo um ambiente mais leve, participativo e significativo. Os resultados demonstram que o trabalho em grupo contribuiu diretamente para o desempenho dos alunos. A discussão entre grupos e pares favoreceu a compreensão dos conteúdos e tornou o processo de aprendizagem mais eficaz. Concluímos que práticas pedagógicas baseadas na coletividade potencializam o protagonismo estudantil, promovem o crescimento mútuo e demonstram que, mesmo em contextos desafiadores, é possível construir pontes por meio do ensino colaborativo.

Palavras-chave: Trabalho Coletivo, Gamificação, Metodologias Ativas

¹ Licenciada em História pela UPE. Graduanda do Curso de Licenciatura em Computação do IFPE, Campus Afogados da Ingazeira - PE. E-mail: jmsxs@discente.ifpe.edu.br

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Computação do IFPE, Campus Afogados da Ingazeira - PE. E-mail: rayane.bezerra@discente.ifpe.edu.br

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Computação do IFPE, Campus Afogados da Ingazeira - PE. E-mail: mfs52@discente.ifpe.edu.br

⁴ Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade de Integração do Sertão. Graduanda do Curso de Licenciatura em Computação do IFPE, Campus Afogados da Ingazeira - PE. E-mail: daas3@discente.ifpe.edu.br

⁵ Professor Doutor em Ciência da Computação pela UFCG, Professor EBTB do curso de Licenciatura em Computação do IFPE, Campus Afogados da Ingazeira. E-mail: diego.rodrigues@afogados.ifpe.edu.br



INTRODUÇÃO

O ato de educar, transformador e inspirador, é sublimemente definido por Paulo Freire como “...um ato de amor, por isso, um ato de coragem” (FREIRE, 1967, p. 97). No entanto, até quando esse amor por educar poderá subsistir diante da desumanidade das interações sociais, do fracasso do sistema, da impunidade com a violência escolar e ainda daqueles que se fazem de “muros” ao invés de “pontes”, preenchendo o lugar da empatia com crueldade?

Infelizmente, o cenário é caótico. Atualmente no Brasil, os índices de violência nas escolas, segundo o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC), registraram 13,1 mil vítimas de violência interpessoal em 2023 (G1, 2025). Essa violência também atinge o corpo docente: de acordo com pesquisa realizada em 2015 pelo Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (Apeoesp), cerca de 44% dos professores do estado já sofreram violência em sala de aula (TENENTE; FAJARDO, 2017).

Os frutos desse caos são a desumanização, a banalização do mal, a perda de identidade e acolhimento do aluno em sala de aula e a formação de centenas de analfabetos funcionais. Que diremos, pois? Devemos ser indiferentes à dor, viver dia após dia como se nada nos afetasse, como se fosse normal o aluno chegar ao 5º ano do ensino fundamental sem saber ler? Ou tratar com banalidade a dor de quem sofre bullying?

Haja vista que o comodismo fale mais alto e refaça a ideia de que “a educação está falida! Não temos recursos! Ninguém olha para nós”! No entanto, é chegada a hora de largarmos os espelhos embaçados que refletem apenas caos e procurarmos um norte que, mesmo em meio às dores, faça nascer flores.

Portanto, este relato de experiência descreve a aplicação dos princípios de Anton Makarenko, como trabalho coletivo e liderança compartilhada na Escola Municipal Antônio Nogueira Barros, em Tabira-PE, tendo como base as atividades desenvolvidas no âmbito do PIBID no Centro de Excelência Municipal Dom João José da Mota e Albuquerque (Dom



Mota), em Afogados da Ingazeira - PE, no primeiro semestre de 2025, com 2 turmas do 5º ano do



Ensino Fundamental utilizando a plataforma Quizizz. Onde na turma B da escola Dom Mota, por exemplo, 22 alunos relataram que os quizzes “ajudaram muito” na fixação dos conteúdos, e 24 afirmaram ter gostado de trabalhar com colegas. Além disso, mais de 90% dos participantes disseram ter “gostado muito” da atividade e manifestaram desejo de repetir a experiência. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo fortalecer o senso de comunidade e otimizar o processo de ensino-aprendizagem em contextos adversos.

Neste sentido, olhemos ao passado e aprendamos com ele. Entre os anos de 1920 e 1935, Makarenko fundou a Colônia Gorki e a Comuna Dzerjinski, onde educou e ressignificou a vida de jovens e crianças vítimas do czarismo pós-Primeira Guerra Mundial e do início da Revolução Russa. Sem recursos, sem incentivo e em meio ao trauma da guerra, Makarenko pôde, enfim, olhar para esses adolescentes e crianças e ver muito mais do que meros delinquentes, e sim pessoas com direito ao conhecimento e a um futuro como seres plenos e funcionais. Por fim, apesar das lágrimas, a experiência de Makarenko pode ser poeticamente tratada como: “a pedagogia que, nas dores, nasceu flores”.

Como o próprio Makarenko ressalta:

Por mais dura que fosse a minha vida naquele tempo, era uma vida feliz. É impossível descrever a impressão de felicidade absolutamente excepcional que se experimenta numa sociedade infantil que cresceu conosco, que confia em nós até o fim, que conosco caminha para frente. (MAKARENKO, 2012, apud BAÍA, MACHADO, 2019, p. 17)

Neste contexto, conheceremos a pedagogia de Makarenko, que, em uma situação de pós-guerra, fome, violência e miséria, apostou no fortalecimento da responsabilidade

coletiva e na ressignificação da identidade, dando propósito e objetivo de vida àqueles que estavam à margem da sociedade.



Makarenko iniciou seu trabalho pedagógico na Colônia Gorki e na Comuna Dzerjinski, na antiga União Soviética. Sua metodologia era voltada para a construção da responsabilidade coletiva, organizando os educandos em tarefas em que o sucesso e o fracasso dependiam do apoio mútuo do grupo. Além disso, desenvolvia atividades que estimulavam o interesse acadêmico, intelectual, manual, social, artístico, produtivo e esportivo, dentro e fora da escola.

Como afirma Filonov (2010, p. 35):

Segundo Makarenko, o educando deve vivenciar a experiência de conquistar vitórias com sua colaboração, mas também de assumir as consequências das derrotas, caso não tenha conseguido desempenhar o seu papel. Apenas a soma das diferentes experiências de sucessos e fracassos poderá auxiliar em sua formação contínua (FILONOV, 2010, apud BAÍA, MACHADO, 2019, p. 16).

Assim, o senso de responsabilidade e pertencimento motiva o aluno a buscar sua evolução. Outro aspecto fundamental da pedagogia de Makarenko era a integração entre escola, família e comunidade. Essa relação pode ser observada no desenvolvimento dos estudantes da Comuna e da Colônia, que, de pequenos delinquentes, passaram a prestar serviços à comunidade. Afinal, para Makarenko: “[...] a verdadeira essência do trabalho educativo [...] está na organização familiar, na organização da vida da criança e no exemplo que se oferece de nossa própria vida pessoal e social” (MAKARENKO, 1981, apud BAÍA, MACHADO, 2019, p. 17).

Além disso, um fator que fortalecia o estímulo às atividades era o sistema de recompensas, tanto psicológicas (como o preenchimento do vazio existencial, a sensação de pertencimento e o fortalecimento de vínculos) quanto materiais. Em sua experiência, os educandos realizavam trabalhos remunerados, como ressalta: “O salário é coisa muito importante. Na base do salário recebido, o educando elabora a capacidade de ordenar os



interesses pessoais e os coletivos [...]” (MAKARENKO, 2012, apud BAÍA, MACHADO, 2019, p. 11).

No entanto, é necessário ressaltar que Makarenko, apesar de sua brilhante pedagogia, também compartilhava das mesmas fragilidades humanas. Ele enfrentou desafios além da caótica situação de miséria e guerra: a falta de disciplina dos educandos, furtos, a ausência de apoio governamental e, em sua angústia, registrou relatos que exprimem essa humanidade:

[...] E eu pensava, com repulsa e raiva, sobre a ciência pedagógica: ‘Há quantos milênios ela existe! Que nomes, que ideias brilhantes: Pestalozzi, Rousseau, Natorp, Blonsky! Quantos livros, quantos papéis, quanta glória! E, ao mesmo tempo, um vácuo — não existe nada, é impossível haver-se com um só desordeiro, não há um método, nem instrumental, nem lógica, simplesmente não existe nada! Toda uma enorme charlatanice. (MAKARENKO, 2012, apud BAÍA, MACHADO, 2019, p. 7).

Makarenko pode ser considerado como um retrato de muitos professores da educação básica no século XXI, que estão imersos no caos do descaso do poder público e da omissão da família. No entanto, o que foi revolucionário para Makarenko foi a decisão de agir, de se tornar “ponte” ao invés de “muro”. Seu núcleo teórico pedagógico baseia-se em: trabalho em grupo, autonomia dos estudantes, educação baseada na coletividade, responsabilidade

compartilhada, consideração do aluno como um todo (em suas particularidades e contexto social) e transformação da escola em uma comunidade solidária.

METODOLOGIA

Sendo assim, inspirados na pedagogia de Makarenko, foi aplicada uma alternativa ao conformismo, por meio de atividades interdisciplinares, através de uma experiência com uma



turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, composta por 24 discentes, na Escola Municipal Antônio Nogueira Barros, em Tabira-PE. Dentre os participantes, incluíam-se três educandos com necessidades de mediação específicas: um estudante com Autismo, um com Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD) e um com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). As atividades foram realizadas ao longo do segundo semestre de 2025, no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), sob a supervisão das professoras regentes.

A coleta de dados foi realizada por meio de observação contínua pelas bolsistas do PIBID, sendo complementada com o feedback das professoras regentes. Essa coleta considerou tanto aspectos comportamentais dos alunos quanto análises de desempenho quantitativas nas atividades propostas. Os registros obtidos serviram de base para o processo avaliativo, que assumiu um caráter contínuo e formativo, acompanhando a evolução individual e coletiva dos estudantes ao longo das atividades.

As atividades realizadas foram voltadas para o uso de TDCs, através da plataforma Wayground (antes conhecida como Quizizz), questionários escritos, atividades de artes com pintura, quizzes colaborativos, mutirões de limpeza e uma confraternização com o apoio das famílias.

Em primeiro plano, partiu-se do conhecimento prévio e da observação da realidade dos alunos, considerando seu nível de conhecimento, desenvolvimento intelectual, afinidades, situação socioeconômica, disponibilidade de materiais e infraestrutura, além do

interesse pelo estudo, alinhando-se à BNCC. A análise, de caráter contínuo, foi observada em cada atividade, por meio de desenhos, comunicação oral, rodas de conversa ou questionários escritos. O objetivo dessa análise não foi preencher um mero rótulo, mas sim planejar ações realistas conforme as necessidades e a realidade de cada grupo de alunos.

Após essa análise, a turma foi orientada sobre a importância do trabalho em grupo, da responsabilidade compartilhada e do crescimento mútuo. Em seguida, os alunos, sob orientação do professor, foram organizados em grupos heterogêneos, ou seja, cada integrante contribuiu com uma habilidade diferente. Cada grupo teve um líder, alguém



proativo, habilidoso na mediação de conflitos, empático e motivado a aprender. Juntos, desenvolveram atividades que contribuíram para o crescimento individual, coletivo e da comunidade escolar, sempre em diálogo com as competências da BNCC.

O processo de avaliação foi coletivo e contínuo, baseando-se nos resultados obtidos em cada experiência. Os alunos trabalharam em grupo dentro de suas possibilidades e competências, formando uma comunidade em que todos coexistem. Como reconhecimento desse esforço conjunto, uma premiação simbólica, um brinde, foi distribuída ao final, em uma

pequena

confraternização.

Diante dos desafios enfrentados, o professor incorporou o diálogo e a colaboração mútua entre os grupos, a fim de mitigar a mentalidade individualista e estimular o desenvolvimento mútuo, tanto cognitivo quanto social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos por meio da implementação da metodologia baseada nos princípios de Anton Makarenko comprovam que, em meio aos desafios da educação básica, a coletividade configura-se como um antídoto promissor. Os resultados revelam avanços significativos tanto no âmbito quantitativo do aprendizado quanto em transformações qualitativas na harmonia do ambiente escolar.

Na avaliação quantitativa, observa-se o comparativo de aproveitamento em atividade de ortografia: o desempenho individual dos alunos foi de 39,7%, enquanto nas atividades realizadas em dupla o índice subiu para 78,00%.

Já os resultados qualitativos, baseados em observações durante a realização da experiência, mostram que os alunos desenvolveram maior cooperatividade e trabalho em equipe, com redução dos conflitos interpessoais. Observou-se ainda o desenvolvimento de habilidades sociohumanitárias, manifestadas através da participação na organização e limpeza da sala de aula e do consumo consciente da merenda escolar, além do protagonismo nas atividades coletivas.



Os resultados obtidos comprovam a eficácia do uso da coletividade na educação básica, como também foi vivenciado na Escola Dom Mota e no caso relatado no livro 'Professores e Professauros', de Celso Antunes. O autor descreve uma experiência ocorrida em 1980, em uma escola de São Paulo, onde alunos da 5ª série com dificuldades em leitura receberam uma proposta desafiadora: se todos concluíssem com êxito a atividade de leitura e compreensão, ganhariam como prêmio uma visita ao Play Center (parque local da época). O critério era claro - ou todos atingiam o objetivo, ou ninguém receberia o prêmio. A turma se empenhou, com os alunos ajudando uns aos outros, e conseguiram alcançar a meta coletivamente.

Outro exemplo mais recente da eficácia da coletividade pode ser verificado na reportagem do Bem Paraná (2019), que destacou como grupos de estudo em uma escola de Curitiba resultaram em melhora considerável no desempenho dos alunos. Portanto, confirma-se que a coletividade, o crescimento mútuo e a construção de uma identidade e consciência crítica nos alunos demonstraram-se, de fato, eficazes no processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este experimento demonstrou na prática a eficácia dos princípios de Anton Makarenko. Os dados obtidos revelam que não só houve melhorias no campo cognitivo, mas

também se criou um ambiente de colaboração, senso de comunidade e protagonismo estudantil.

Além do mais, a experiência mostrou que o ato de educar possui múltiplas faces e, entre elas, existem os desafios. É nesses desafios que o professor configura-se como ponte. Sendo assim, aderir ao conformismo é uma escolha, e não uma sentença.

Não há receita pronta na educação. Cada realidade é singular, e o professor não é um mártir, mas um humano moldado por erros e acertos. O diferencial está em não se prender ao conformismo e, assim como Makarenko, não se render ao fracasso, mas transformá-lo em ferramenta de aprendizado.



O fruto mais doce desse esforço surge quando, ao final da jornada, é possível olhar para cada educando e reconhecer ali um cidadão em formação, alguém que carrega consigo as marcas de momentos significativos de aprendizagem, troca e afeto. Esses momentos se tornam sementes capazes de germinar novas atitudes e multiplicar exemplos.

Isso prova que um processo de ensino-aprendizagem realizado com amor e coletividade é capaz de transformar vidas. Porque, na educação, mesmo quando tudo parece deserto, sempre haverá a possibilidade de fazer nascer flores nas dores.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. Professores e professoautos: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BAÍÁ, S. F.; MACHADO, L. R. S. Makarenko, pedagogo do extremo e da alegria de educar. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, v. 19, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8654460>. Acesso em: 30 jun. 2025.

BEM PARANÁ. Grupo de estudos em escola melhora notas. Curitiba, 04 nov. 2019. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticias/educacao/grupo-de-estudos-em-escola-melhora-notas/>. Acesso em: 24 jun. 2025.



FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 97 p. Disponível em: <https://archive.org/details/paulo-freire-educacao-pratica-liberdade/page/97/mode/2up>. Acesso em: 18 out. 2025.

G1. Violência escolar mais do que triplica em 10 anos no Brasil; discursos de ódio impulsionam aumento. 15 abr. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2025/04/15/violencia-escolar-mais-do-que-triplica-em-10-anos.ghtml>. Acesso em: 30 jun. 2025.

NASCIMENTO, Josué. Makarenko e a educação popular na União Soviética. A Verdade, 5 mar. 2025. Disponível em: <https://averdade.org.br/2025/03/educacao-makarenko-urss/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

TENENTE, Luiza; FAJARDO, Vanessa. Brasil é #1 no ranking da violência contra professores: entenda os dados e o que se sabe sobre o tema. G1, 22 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-e-1-no-ranking-da-violencia-contra-professores-entenda-os-dados-e-o-que-se-sabe-sobre-o-tema.ghtml>. Acesso em: 30 jun. 2025.

